

Um tropicalismo endógeno: a dez anos da Guanabara e a um século de Londres

Matteo Ciacchi
UFPB - ciacchi.matteo@gmail.com

Resumo: O ano de 1968 representou um marco cultural na música brasileira. O sucesso dos festivais da canção televisionados ajudava a consolidar a ideia de uma Moderna Música Popular Brasileira (MMPB, em seguida abreviada para MPB), que disputava comercialmente com a chamada Jovem Guarda. Nesse ano, um grupo de compositores e intérpretes baianos lançou as bases de um movimento que ficaria conhecido como tropicalismo, que entre outras coisas buscava fazer uma síntese entre as vertentes consideradas “rivais” da música brasileira. Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Tom Zé foram os responsáveis pelo grande alcance e sucesso midiático do movimento tropicalista. Entretanto, embora fossem todos baianos, o fenômeno tropicalista eclodiu no Sul do país, especialmente entre Rio de Janeiro e São Paulo, onde se concentravam os meios de comunicação e divulgação. Porém as ideias do tropicalismo encontraram imediatamente solo fértil na região Nordeste. Em abril de 1968, os pernambucanos Jomard Muniz de Britto e Aristides Guimarães redigem o primeiro manifesto tropicalista “Porque Somos e Não Somos Tropicalistas”, publicado no Jornal do Commercio com apoio do jornalista Celso Marconi, que também assinou o documento. Na Paraíba, Carlos Aranha, Marcus Vinícius e Raul Córdula lançaram em maio o manifesto “O Que É Nosso Tropicalismo ou ‘Vamos Desmascarar o Subdesenvolvimento’”. Posteriormente, poetas, artistas visuais e músicos do Rio Grande do Norte como Dailor Varela, Moacy Cirne e Falves Silva se reuniram para um terceiro manifesto, “Inventário do Feudalismo Cultural Nordestino”, que contou também com as assinaturas de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que estavam de passagem em Recife. Esses manifestos sinalizavam a existência de um grupo coeso de artistas de vanguarda nos estados nordestinos que permaneciam produzindo mesmo longe dos grandes meios de divulgação midiática. Punham-se em discussão as limitações e peculiaridades de um conceito de arte vanguardista no contexto local de precariedade das instituições culturais, como afirma o ponto que abre o primeiro manifesto: “constatamos (sem novidade) o marasmo cultural da província. (Por que insistimos em viver a dez anos da Guanabara e a um século de Londres?)”. O manifesto paraibano explicita que a superação dessa condição envolve a “busca de suas próprias soluções”. Estes debates permearam a produção cultural do final da década de 1960, e tiveram reflexos em produções posteriores. Muitos desses debates se davam nas páginas dos jornais, especialmente nas colunas de crítica. Eventos públicos como os festivais da canção promovidos em João Pessoa, Campina Grande, Natal e Recife eram comentados por observadores tendo como plano de fundo o debate tropicalista. Neste trabalho, fizemos um levantamento hemerográfico inicial, primordialmente nos jornais A União de João Pessoa e o Diário de Pernambuco, de Recife, com o intuito de melhor historiografar esse momento da crítica artística no Nordeste brasileiro. Dessa forma podemos perceber que o que se convencionou chamar de tropicalismo não foi apenas o produto midiático construído pelo grupo baiano emigrado, mas que também refletia um ponto de vista endógeno de uma vanguarda artística nordestina.

Palavras-chave: Tropicalismo. Vanguarda nordestina. Contracultura.

Matteo Ciacchi: Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Práticas Interpretativas (habilitação em Violão Clássico) e mestrado em Musicologia, ambos pela mesma instituição. Sua pesquisa atual procura estabelecer as bases para uma historiografia do conceito de vanguarda musical na região Nordeste, com foco nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Atua como baixista no grupo musical banda-fôrra e como performer e pesquisador no coletivo Artesanato Furioso.